



## DESORDENS OSTEOMUSCULARES E DOR RELACIONADA AO TRABALHO RURAL

Adriana Maria de Araújo Lacerda Paz<sup>1</sup>; Paula Tâmara Vieira Teixeira Pereira<sup>2</sup>; Elis Cabral Victor<sup>3</sup>; Múcio Antônio de França Paz<sup>4</sup>; Maria do Desterro Soares Brandão Nascimento<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão – UFMA – [adrianamarialacerda@yahoo.com.br](mailto:adrianamarialacerda@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Universidade Federal do Maranhão – UFMA – [paulateixeiranutri@outlook.com](mailto:paulateixeiranutri@outlook.com);

<sup>3</sup> Universidade Federal do Maranhão – UFMA – [elis\\_victor@hotmail.com](mailto:elis_victor@hotmail.com);

<sup>4</sup> Biólogo – [muciofrancapaz@gmail.com](mailto:muciofrancapaz@gmail.com);

<sup>5</sup> Universidade Federal do Maranhão – UFMA – [m.desterro.soares@gmail.com](mailto:m.desterro.soares@gmail.com).

**Introdução:** A saúde dos trabalhadores rurais é condicionada por fatores sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais relacionados ao perfil de produção e consumo, além de fatores de risco de natureza física, química, biológica, mecânica e ergonômica presentes nos processos de trabalho (MOREIRA et al, 2015). Jo et al, 2015, afirmam que os agricultores apresentam como morbidade distúrbios musculoesqueléticos vinte vezes mais do que patologias adquiridas por agrotóxicos e que a agricultura é um dos três setores de atividade mais perigosos, seguidas pela construção civil e pela mineração, respectivamente (ABRAHÃO et al, 2015). A maioria dessas atividades exercidas por ocupação agrícola envolve trabalho pesado, posturas inadequadas e longos períodos sentados ou de pé. Estes fatores apresentam riscos ergonômicos que podem resultar em doenças crônicas musculoesqueléticas, isso porque a exposição a estes fatores podem trazer um desequilíbrio do músculo, uma biomecânica anormal e desvio do alinhamento neutro (KARUKUNCHIT et al, 2015). O National Center for Farmworker Health destaca o trabalho físico árduo do trabalho agrícola como promotor de lesões musculoesqueléticas. As lesões podem, inicialmente, surgir com dores e evoluir para problemas maiores, como a Lesão por Esforço Repetitivo e o Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho, dois dos maiores problemas de saúde na agricultura nos países europeus (ROCHA et al, 2014). Partindo do interesse de avaliar as desordens osteomusculares e dor em uma postura adotada por mulheres quebradeiras de coco babaçu durante as atividades laborais, busca-se através desse estudo,



analisar a principal queixa álgica e correlacionar com a postura.

**Metodologia:** Trata-se de um estudo observacional descritivo do tipo transversal. O estudo foi realizado na Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, da Comunidade São José dos Moura, município de Lima Campos – Maranhão. Após sair a autorização da Carta de anuência emitida pela cidade de Lima Campos, foi feita a chamada pública de participação para as interessadas. O período de realização da coleta foi em novembro de 2015. A amostra foi por conveniência, a população-alvo foi 150 participantes cadastradas dentro da Comunidade São José dos Mouras, 40 mulheres compareceram para a avaliação postural e após fazermos a seleção através dos critérios de exclusão, 30 permaneceram no estudo. As participantes foram quebradeiras de coco babaçu, que vivem do trabalho de quebrar cocos. Como critérios de elegibilidade, as mulheres tinham idade entre 18 a 59 anos e foram excluídas participantes com deformidades tanto em membros superiores como em membros inferiores, portadoras de patologias musculoesqueléticas severas e de doenças neuropsiquiátricas que pudessem comprometer a capacidade de comunicação, locomoção e desempenho das atividades da vida diária ou na colaboração do estudo, portadoras de doenças neuromusculares, que estavam em período gestacional e mulheres acima de 59 anos devido os problemas decorrentes de idade. Como instrumento para recolhimento de dados utilizou: um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, um Formulário de Identificação, uma Cessão de direitos de fotografia. Os dados foram avaliados pelo programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 19.0 (Chicago, Illinois/IL). O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão – CEP/UFMA, com parecer Nº 49547615.8.0000.5087.

**Resultados e discussão:** A amostra em estudo foi composta por 30 trabalhadoras agroextrativistas que lidam com a quebra do coco babaçu. A média de idade da amostra foi de  $39,1 \pm 13,1$  anos. Quanto ao estado civil das mulheres analisadas, verificou-se que 56,7% eram casadas ou viviam maritalmente, seguidas de solteiras com 36,7% e em menor proporção, viúvas com 6,6% da amostra estudada. Analisando a quantidade de filhos foram de  $2,6 \pm 2,0$  filhos. Pode-se observar uma média de peso  $65,5 \pm 11,0$  das participantes do estudo. Em relação à escolaridade, prevaleceu o ensino fundamental incompleto com 43,3%, seguido de analfabetos 33,3%, ensino médio completo 16,8% e em menor proporção o ensino médio incompleto e ensino superior completo cada um com apenas 3,3%. Em um estudo realizado no Nordeste da China, observou-se que a idade e o sexo, mostraram dados estatisticamente significativos para dores na coluna em agricultores e



que as algias na coluna, exacerbavam proporcionalmente de acordo com o aumento da idade (LIU et al, 2012). Nossa pesquisa mostrou correlação com esse estudo no que se refere à idade. Observou-se que os dados referentes à dor nas quebraadeiras de coco babaçu mostraram que 93,3% das entrevistadas apresentaram “dor na coluna” enquanto que 6,7% dessas mulheres diziam “não sentir dor na coluna” durante as atividades laborais. Pode-se identificar também que 93,3% sentem dores em todos os momentos durante o trabalho com a agricultura, já 6,7% alegaram não sentir dor. Quando questionadas sobre a frequência com que sentiam dores na coluna vertebral, 46,7% das entrevistadas disseram em dois momentos, “sempre e às vezes” sentiam dores na coluna, enquanto 6,6% fez referência de dor “quase nunca/nunca” durante os trabalhos laborais. A intensidade da dor de forma moderada foi a mais referida, com 63,4%, entre as quebraadeiras de coco avaliadas. Ressaltando que 6,6% não mencionaram nem frequência, nem intensidade de dor durante o labor. Para Vilagra et al, 2007, há forte associação entre o trabalho agrícola, a multiplicidade de tarefas, a exigência de esforço físico no transcorrer da jornada de trabalho e a adoção de posturas inadequadas. Em um estudo realizado por esses mesmos autores revelaram que no Paraná, 93,4% das mulheres camponesas trabalham em média 8 horas diárias e 6,6 trabalham mais que 10 horas por dia. Neste estudo, metade das mulheres, 50,0%, tem suas atividades laborais em 8 horas por dia.

**Conclusão:** Os resultados mostraram que as quebraadeiras de coco babaçu apresentaram alterações de postura corporal e dor durante as atividades laborais.

#### **Referências Bibliográficas:**

ABRAHÃO, R. F. et al. A Análise Ergonômica do Trabalho (AET) aplicada ao trabalho na agricultura: experiências e reflexões. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 40, n. 131. São Paulo: 2015.

JO, H. et al. Farmers' Cohort for Agricultural Work-Related Musculoskeletal Disorders (FARM) Study: Study Design, Methods and Baseline Characteristics of Enrolled Subjects. **Journal Epidemiology**, v. 26, n. 1. Tokyo: 2015.

KARUKUNCHIT, U. et al. Prevalence and risk factor analysis of lower extremity abnormal alignment characteristics among rice farmers. **Dove press**, v. 9. Australia: 2015.

LIU, X. et al. Back Pain among Farmers in A Northern Area of China. **Spine**, v. 37, n. 6. Othios: 2012.



MOREIRA, J. P. L. et al. Rural workers' health in Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 8. Rio de Janeiro: 2015.

ROCHA, L. P. et al. Association between pain and agricultural workload. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 27, n. 4. São Paulo: 2014.

VILAGRA, J. M. et al. Agricultura em vilas rurais, um enfoque ergonômico: perfil sócio-econômico-cultural, sustentabilidade e necessidade de intervenção. **Associação Brasileira de Engenharia de Produção**. Foz do Iguaçu: 2007.

